**Tarefa 2**

A seleção de excertos do Diário XII de Miguel Torga prende-se com o facto de, em tempos, ter apreciado imenso a sua escrita diarística, o seu pendor telúrico, tão próximo de um tom confessional, intimista impregnado de alguma tensão. Pela sua leitura, consegue traçar um roteiro de vida, uma geografia extensa dos seus passos, durante décadas (de 1932 a 1994), e, deste modo, também dá a sua perspectiva pessoal sobre a situação político social, sendo interventivo.

Estes excertos, especificamente, remetem-nos para 1974, meses após a Revolução de Abril. Pode ter interesse pedagógico a leitura de um dos Diários de Torga, pois focam assuntos intemporais e recordam as vantagens na escrita diarística – um mapa da nossa vida, um momento de reflexão –, para de modo simples se efectuar a sinopse de um dia, um desabafo, e, sobretudo, recordar um escritor maior.

**Coimbra, 12 de Maio de 1974** – “Um Domingo triste a ler papéis velhos, a ver se arranjava coragem para os rasgar. A ganga que um poeta deixa pelo caminho! Por cada expressão feliz, quanta ingenuidade, quanta burrice, quanta gaguez! A obra publicada também tem disso tudo, mas é beneficiada pela luz das montras. Adquire não sei que estatuto só pelo facto de se mostrar.”

**Coimbra, 27 de Julho de 1974** – “Vamos finalmente dar independência aos povos colonizados. Uma independência que sem dúvida lhes irá custar cara, mas não há nenhuma que seja barata. Depois desse acto necessário e imperioso, Portugal ficará reduzido à tal nesga de terra debruada de mar. É a História que o exige, e oxalá que o destino também. Oxalá que ele, depois de tantos séculos de dispersão e perdição, nos queira reduzidos ao núcleo matricial para que, assim recuperados, possamos iniciar nova aventura. Nómadas no mundo, teremos de ser agora sedentários conviventes nesta Europa onde sempre coubemos mal e nunca nos soubemos realizar. Partir era a nossa carta de alforria. Hoje os caminhos não serão já os da demanda de espaços abertos a uma afirmação tolhida no berço, mas os de um achamento interior protelado séculos a fio.”

**Página de um Diário**

**22 de maio de 2024**

Observo as janelas cá de casa. Chove. Através delas, vejo e revejo o meu mundo e dos outros. Um império que nos é dado e que gerimos consoante as nossas emoções. A janela é a abertura do nosso muro doméstico rodeado de luz.

Uma janela tem muito poder. Algumas fazem História, como a que por ela se lançou conde Andeiro, o influente amado de Leonor Teles, na Idade Média, e com esse gesto o país despegava-se de amarras. Ou a enigmática e poderosa janela do Convento de Tomar. Também a de René Magritte, debruçada sobre o mar, que nos deixa boquiabertos perante o avassalador azul.

Tal como a leitura que, permanentemente, nos abre janelas, nos deixa ver mundos e organiza o nosso caos, pode ser uma janela transformadora.

Janelas inspiradoras não faltam na Literatura, como a que Ana Plácido usava, pétrea, e pelos enredos que visionava, por meio dela inspirava Camilo dando nutrientes romanescos para as suas intrigas. Tão antigas quanto a arquitetura, as janelas que inspiraram cantigas de Amor e Amigo muito devem a esse balcão para o exterior. E quem não cantarola a imemorial “Menina, estás à janela” que o nosso trovador Vitorino nos ensinou a cantar!

Janelas, a abertura da nossa alma e que de novo me ajudaram a sorrir.